

# ESCOLARIZAÇÃO E PRÁTICAS FAMILIARES

## IMPACTOS DA CULTURA LETRADA SOBRE A INSTITUIÇÃO FAMILIAR ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO SÉCULO XX

Pedro Vilarinho Castelo Branco

*Programa de Pós-graduação em História da UFPI*

No presente texto analisamos como alguns homens de letras que viveram no Piauí entre o final do século XIX e início do século XX elaboram suas trajetórias de vida, em depoimentos orais e em narrativas de memórias, vinculando sua construção identitária como homens modernos e letrados a uma mudança das práticas sociais em relação ao processo de escolarização.

A vida moderna que então transcorria, principalmente no mundo urbano, exigia dos homens uma relação mais estreita com a escola e com a cultura escrita. A preocupação não era só em preparar melhor os jovens do ponto de vista intelectual. Era fundamental que estes homens fossem saudáveis, tivessem corpos rijos, livres de doenças, de vícios que poderiam comprometer seu desempenho e utilidade na sociedade, correndo o risco mesmo de contaminar a prole. Os modelos de masculinidade modernos exigiam que os homens estivessem moralmente preparados para serem bons cidadãos, pais zelosos, conscientes de seus deveres para com a família e com a pátria.<sup>1</sup> Em síntese, que fossem homens marcados pelo processo de escolarização e pela disciplina.

Até os anos 80 do século XIX, o ensino secundário era quase inexistente no território piauiense. Isto fazia com que os rapazes aspirantes ao ensino superior procurassem o ensino secundário em outras cidades próximas a Teresina. Esse foi o caminho seguido por jovens como Clodoaldo Freitas e Higino Cunha, os quais, na década de 70 do século XIX, começaram a cursar o ensino secundário em São Luís do Maranhão.

Clodoaldo iniciou os estudos no Seminário das Mercês em 1871, onde se preparava para ser padre, saindo três anos depois para o Liceu Maranhense, a fim de cursar as disciplinas secundárias, com o objetivo de ingressar futuramente na Faculdade de Direito do Recife. Higino Cunha, por sua vez, transferiu-se para São Luís em 1878, onde passou três anos cursando disciplinas secundárias e preparando-se para ingressar no curso superior de Direito, também na Faculdade do Recife.

130

A existência do Seminário e também de instituições de ensino secundário em São Luís tornavam o ambiente cultural da capital maranhense diferente de Teresina. Ali, Clodoaldo e Higino tiveram as primeiras incursões no mundo da Filosofia e do questionamento de verdades teológicas, experiências que vão estar presentes de maneira acentuada na produção intelectual dos dois literatos na vida adulta. Suas trajetórias ilustram bem o percurso seguido por jovens, oriundos do Piauí e que conseguiram dar continuidade aos estudos e mesmo alcançar uma formatura superior na segunda metade do século XIX.<sup>2</sup>

No final do século XIX, a cidade de Teresina passou a contar, além do Liceu Piauiense, que em alguns períodos funcionava precariamente, com instituições privadas que se dedicavam também ao ensino secundário, merecendo destaque o Colégio Nossa Senhora das Dores, de propriedade de Miguel Borges Leal Castelo Branco. Segundo Queiroz<sup>3</sup>, o referido colégio serviu como modelo para outras instituições de ensino na cidade nas décadas seguintes. O que nos interessa enfatizar é o crescimento na oferta de oportunidades de acesso ao ensino secundário, com escolas que ofereciam vagas para alunos internos e externos, tornando a cidade um pólo de atração para muitos jovens provenientes do interior do Estado.

Os jovens da elite piauiense passaram, no período, a buscar as escolas secundárias em Teresina como forma de preparação para o acesso aos cursos

superiores, numa demonstração de que a escola começava a ser percebida como parte importante na formação de uma elite dirigente.

Esse processo de fortalecimento das instituições de ensino em Teresina ganha impulso no final do século XIX, com a chegada de novos bacharéis formados fora do Estado e que, em grande medida, tomarão parte nas iniciativas educacionais. Tratava-se, na maioria, de bacharéis que voltavam de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro, formados em Direito, Medicina, Engenharia e Farmácia. Estes bacharéis tornavam-se exemplos de que o percurso que levava à formatura superior era uma possibilidade real, que necessariamente passava por sacrifícios familiares, mas que poderia trazer ganhos compensadores. A maior oferta de ensino secundário propiciará que outros jovens vejam na escola um percurso possível e necessário ao aprimoramento e formação pessoal.

Os relatos de memórias, bem como as biografias, dão conta de homens que viveram sua juventude na Teresina do início do século XX e que tiveram suas trajetórias de vida marcadas pela escolarização. As histórias pessoais são múltiplas e mostram bem a diversidade de situações características do processo histórico em análise.

131

A trajetória de Leônidas Melo é significativa para corroborar o nosso raciocínio: aos 12 anos de idade encontrava-se totalmente engajado no seu aprendizado do ofício de comerciante, trabalhando com o pai em sua loja na cidade de Barras. A chegada de Arimatéa Tito, bacharel em Direito recém-formado no Recife, no entanto, despertou no menino o desejo de dar continuidade aos estudos. A formatura de uma pessoa próxima mostrou-lhe que existiam outros percursos na vida, diferentes do comércio. Ao assistir aos preparativos da festa de chegada do novo bacharel na cidade, Leônidas despertou para essa possibilidade:

Soou como uma voz dentro de mim, clara, alta, pausada a perguntar-me: “por que tu também não vais estudar?” voz que só eu percebia, que repetia insistentemente sem parar: por que você não vai também estudar? Tu não tens vocação para o comércio: pede a teu pai que te mande para um bom colégio, em Teresina. Ele relutará, mas deve insistir.<sup>4</sup>

Se a princípio a chegada festiva de Arimatéa Tito trouxe a Leônidas o problema de despertar-lhe o desejo de continuar os estudos, trouxe também parte

da solução, pois o novo bacharel fora nomeado promotor público da cidade de Barras, ali montou residência e abriu uma escola onde os meninos que já tivessem as primeiras letras poderiam dar continuidade aos estudos. Conseguindo Leônidas convencer o pai de que realmente desejava estudar, e diante da oportunidade dada por Arimatéa Tito à cidade, Leônidas foi matriculado na nova escola, onde aprenderia geografia, gramática portuguesa, e aritmética elementar. O rapaz teria que conciliar os trabalhos do comércio com a escola, de forma que só lhe sobriaria tempo para estudar as lições durante a noite.

132 O bom desempenho na escola, o discurso do professor ao final do ano letivo aconselhando aos pais dos alunos premiados – entre os quais figurava Leônidas – a incentivarem os filhos para os estudos, além de insistentes pedidos do menino para o pai enviá-lo a Teresina para prosseguir nos estudos acabaram por dar resultado. O coronel Regino resolveu envidar os esforços necessários para mandar o filho para uma escola em Teresina. Aceitava, assim, o pedido de Leônidas, com a ressalva de que não poderia sustentá-lo por muito tempo, tendo este que estudar e em seguida fazer um concurso para telegrafista.

“Moço recebi sua carta e vou levá-lo comigo para Teresina, mas quero dizer-lhe que não poderei sustentá-lo nos estudos por muitos anos, para você se formar, como o Dr. Arimatéa. E não poderei por que não tenho recursos para isso. Lembrei-me então de dar-lhe um conselho. Você irá comigo, estudará este ano e no vindouro fará concurso para Telegrafista. Olhe, aqui por Barras têm passado muitos telegrafistas e todos vivem tranqüilamente, sustentam as famílias com conforto, tem promoção, tem aposentadoria, se você conseguir isto está arrumado.”<sup>5</sup>

Aos 13 anos, Leônidas Melo era matriculado como aluno interno na Escola 21 de Abril em Teresina. Ao final do ano letivo, com receio de que o pai cumprisse a promessa de não o sustentar em Teresina por mais tempo, pediu ao diretor e a alguns professores da Escola que escrevessem cartas ao coronel Regino recomendando que mantivesse o filho na escola. A tática deu resultados e ele foi mantido em Teresina para concluir os estudos secundários, seguindo depois para a Bahia e para o Rio de Janeiro, onde conclui o curso de Medicina.

A trajetória de Leônidas nos mostra o efeito multiplicador que uma formatura

superior poderia ter. Em primeiro lugar, a alegria do retorno do filho bacharel, o prestígio, o respeito, a aura de notoriedade que cercava esses indivíduos formados, tudo isso despertava nas pessoas, como foi o caso de Leônidas, o desejo de também alcançar esse lugar de sujeito. Em segundo lugar, mas não menos importante, o efeito multiplicador que essas formaturas tinham em outro aspecto: Arimateia Tito volta formado e usa seus conhecimentos e capacidade para ensinar outros meninos, suprimindo demandas por escolarização reprimidas pela falta de oportunidades.

O coronel Regino, pai de Leônidas Melo, ao que parece, não mandava os filhos à escola secundária pela ausência dessa instituição na cidade onde morava, e também por não estar convencido dos retornos que poderiam advir do investimento de mandar um filho para estudar fora. Colocara os filhos no comércio e todos se adaptaram; Leônidas fora o primeiro a vislumbrar outros horizontes, e aproveitou a primeira oportunidade que teve para mostrar ao pai que a continuidade de sua escolarização seria um bom negócio, daria resultados, traria retornos à família.

As práticas familiares nos grupos médios e nas elites parecem apontar para a continuidade dos estudos dos indivíduos que se mostrassem mais talentosos, que demonstrassem maior interesse pelo processo de escolarização. A falta de recursos para proporcionar a todos os filhos as mesmas condições, e o descaso mesmo de alguns em dar continuidade aos estudos, explicariam as táticas familiares.

A história de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves mostra que nem sempre o investimento em educação era feito pelos pais, mas por outros membros da família que acreditassem no potencial de um sobrinho, afilhado, ou neto. É assim que toda a escolarização de Luiz Mendes é financiada pelo tio, Antônio Ribeiro Gonçalves, o qual lhe proporciona os estudos ginasiais em Teresina e em Salvador, na Bahia, onde se formou em Engenharia Civil.

A gratidão de Luiz Mendes ao tio é expressa em seu depoimento biográfico, onde relata o convite feito por seu professor para ingressar na faculdade da Bahia como professor assistente, justificando a recusa, com a necessidade de retornar ao Piauí para dar aos familiares um retorno dos sacrifícios empreendidos para sua formatura.

Cheguei a Teresina, depois segui para Florianópolis, onde me encontrei com meu Tio. Dar-lhe os agradecimentos e mostrar que não fui um homem perdido, fui um

homem aproveitado, que ele não fez em vão o sacrifício de cuidar de mim.<sup>6</sup>

Luiz Mendes vinha de uma família onde a relação com a cultura escrita já era uma experiência presente. Isso não diminuía a alegria pela formatura de mais um membro familiar, mas possivelmente fizesse com que os familiares tivessem a compreensão e empreendessem esforços e sacrifícios para o financiamento da formação escolar do sobrinho, por ter a convicção deste ser um caminho possível, viável, já percorrido com sucesso.

134 A trajetória de Edson Cunha, que ingressa aos 13 anos no Liceu Piauiense para iniciar seu curso secundário, é também indicativa da relação já estreita da família com a cultura escrita. Filho de Higino Cunha, bacharel em Direito e professor do Liceu em Teresina, Edson Cunha relata no texto *Meu curso secundário*<sup>7</sup> como a escola marcou sua trajetória de vida. Estudou no Liceu por quatro anos, recebendo uma formação geral em português, francês, inglês, latim, história do Brasil, história natural, geografia, e físico-química. O que singulariza a trajetória de Edson Cunha no Liceu é o fato de o mesmo cursar disciplinas que seriam totalmente dispensáveis para a sua pretensão de ingressar em uma academia superior de Direito.

Sua história mostra, em primeiro lugar, a preocupação de seus pais com a formação escolar do filho. No entanto, denota também a experiência escolar de um garoto que, por ser jovem e possivelmente não passar por dificuldades financeiras na família, ou, do mesmo modo, por contar com práticas familiares que viam na formação escolar dos filhos uma prioridade, poderia dedicar-se quase de forma exclusiva aos estudos. Edson, diferentemente de outros secundaristas no mesmo período, não relata a experiência simultânea de ser estudante e trabalhador. Trajetórias semelhantes são relatadas por Cristino Castelo Branco. Ele, assim como seus primos Lucídio Freitas, Alcides Freitas e Mario Couto, são personagens provenientes de famílias cuja relação com a cultura escrita e a escolarização parece apontar para a valorização da escola.<sup>8</sup>

A biografia de Bugyja Brito é bem mais acidentada e marcada por dificuldades. Entretanto, percebe-se claramente que a escola é uma fase específica, que ocupa centralidade na vida de Bugyja, determinando mesmo sua trajetória de vida. Em

suas narrativas autobiográficas a fase de escola é lembrada amiúde: as professoras, as matérias, os locais, as provas. Tudo parece ganhar centralidade e relevância, em uma demonstração de que a escola tem papel fundamental na definição do homem em que ele se torna quando adulto. O sucesso profissional, o papel de literato e a vida familiar parecem ser em grande parte tributárias da trajetória seguida.

Bugyja não conta com as mesmas condições de Edson Cunha e, aos 13 anos, ingressa no mundo do trabalho como suplente de carteiro dos Telégrafos, em Teresina. Posteriormente, passa a trabalhar como balconista de um bar e ainda ministra aulas de primeiras letras em domicílio. Pode-se dizer que toda a sua vida de secundarista é marcada pela busca por conciliar trabalho e estudo. O próprio Bugyja esclarece que a sua prematura inserção no mundo do trabalho tinha, para ele, dois objetivos principais: auxiliar a família – que passava por sérias dificuldades financeiras – e custear seus estudos. A obstinação com que persegue a formação secundária e vislumbra o ingresso no curso superior ilustram o valor que uma formação escolar tinha na Teresina do início do século XX:

135

Concluir os estudos secundários naquela época constituía um fato de relevância. Fazer então os preparatórios era um galardão que se conquistava perante o público local, membros da família e amigos.

É possível que acudisse ao espírito dos meus pais o pensamento de eu me formar [formação superior] o que traria outras vantagens de ordem financeira e social à família. Uma formatura sonho da mocidade pensante do tempo e desejo ardente de muitos progenitores que possuíam recursos, que eram ricos ou remediados, não era nada anormal, todavia, para mim, a situação era diferente.<sup>9</sup>

Convém enfatizar que as trajetórias escolares de Leônidas Melo, Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, Bugyja Brito e Edson Cunha, apesar de serem marcadas por diferenças, são também experiências que se completam com a formação superior. No entanto, essa não era a regra para todos aqueles que ingressavam nas aulas secundárias em Teresina. Muitos jovens completavam a escola secundária e não tinham condições de dar continuidade aos estudos superiores. Estes, até o início da década de trinta, tinham que ser realizados fora do Piauí. O caso de Jônatas Batista, que nos anos 1920 e 1930, será conhecido como escritor e teatrólogo, é ilustrativo desses projetos de jovens candidatos ao bacharelado que não se concretizaram.

No caso de Batista, o fato de ser o filho mais velho e de ter se tornado, muito cedo, responsável pelo sustento familiar, é apontado como justificativa para o seu ingresso, de forma definitiva, no mercado de trabalho, na carreira de funcionário público. Sob este aspecto, os anos de estudo contabilizados, já muito acima da média, davam-lhe certa projeção no escasso mercado de trabalho local.<sup>10</sup>

Muitos jovens passavam, no processo de escolarização, por experiências diferentes daquelas vivenciadas nas escolas secundárias e superiores. Podemos citar o caso de Antonio Vieira dos Sales que conheceu a escola na adolescência por seu viés profissionalizante, ingressando na escola de aprendizes e artífices onde aprendeu ofícios como o de ferreiro e o de pintor, notabilizando-se neste segundo.<sup>11</sup>

136 Os caminhos dos jovens, na escola secundária, são também marcados pelas desistências; inúmeros rapazes destinados pelos pais ao mundo das letras, a uma formatura superior, recusavam esse destino e voltavam ao sertão. Fascinados pela vida no campo, ou considerando-se incapazes, desistiam dos estudos escolares e voltavam à vida das fazendas. A presença do meio sertanejo, o gosto pela vida do campo e do trato com o gado eram muito presentes no universo psicológico dos que iam estudar na cidade. Nas fazendas, tocavam os negócios, administravam o patrimônio familiar, entre eles as propriedades de irmãos, que seguindo outros rumos, abandonavam a vida no campo e tornavam-se cidadãos.

A trajetória de Augusto, primo de Raimundo Moura Rego, é outra possibilidade de exemplificação para a desistência da vida escolar: filho de um grande proprietário de terras e gado, se sentindo atraído pela vida no campo, desiste de voltar a Teresina e à vida escolar ao lado do irmão Roberto e do primo Raimundo Moura Rego:

A última vaquejada deve ter influenciado Augusto. Na proximidade de nossa volta aos estudos, declarou ao pai que não queria mais estudar. Já sabia ler e escrever alguma coisa além das quatro operações de aritmética, e esse pouco lhe bastava. Não queria ser doutor, nem comerciante, queria ser vaqueiro. O pai lhe desse uma fazenda de gado para dirigir e pronto: poderia economizar o dinheiro do colégio. Não foi conosco desta vez. Senhò, o pai de Augusto, deu de papel passado, a ele e Roberto, a Fazenda Tamanduá. Mais tarde Roberto cedeu sua parte ao irmão, que assim passou a viver como era de seu agrado.<sup>12</sup>

Se Augusto preferiu abandonar a vida na cidade e a escola preferindo

subjetivar-se como vaqueiro, trabalhando com o gado, participando de vaquejadas, levando a vida no campo, na administração das Fazendas da família, Roberto, seu irmão, parte para Teresina e depois para o Rio de Janeiro, onde incorpora práticas cidadinas subjetivando-se como homem urbano.

As trajetórias analisadas mostram que não havia consenso sobre a necessidade da escolarização para a formação dos jovens rapazes em homens adultos. No entanto, mostram também que o acesso à escolarização e à formação secundária e mesmo superior foi, no período em estudo, ganhando espaço como caminho de subjetivação masculina, particularmente nos grupos de elite e médios da sociedade. Caminho, algumas vezes, dificultado pelas resistências impostas pela mentalidade arraigada, que continuava acreditando que um homem se construía na vida prática, no aprendizado direto com os adultos.

É dentro desse raciocínio que podemos entender práticas familiares voltadas para o esforço de fazer com que os rapazes ingressassem desde cedo na vida adulta. Do mesmo modo, é dentro deste quadro que se compreende o investimento que os pais faziam para dotar os filhos de um ofício, municiando-os dos meios necessários para dar início à vida adulta. Essa preocupação está presente na fala do coronel Regino, pai de Leônidas Melo, quando se propõe a ensinar ao filho o ofício de comerciante, ou quando lhe aconselha a fazer o concurso de telegrafista. Em ambas as situações, a preocupação de Regino era dotar o filho dos meios necessários para se tornar um homem capaz de conseguir os recursos necessários para sustentar dignamente a futura família.

O caso de Augusto, o filho de Senhô, o qual desiste de dar continuidade à formação escolar, também é ilustrativo do nosso raciocínio. Nesse caso, a saída encontrada foi dotar o filho das terras e do gado necessário para iniciar o seu criatório. Augusto se subjetivaria como vaqueiro e administrador de fazenda, ofícios que já conhecia, e que aprendera com o pai e com os outros homens adultos nas práticas cotidianas.

Aos homens que seguiam o percurso da formação escolar, caberia a tarefa de escriturar esse percurso como um caminho legítimo de subjetivação masculina. A formação escolar proporcionaria uma forma de projeção social, de

subjetivação, para os rapazes, como detentores de conhecimentos especiais, que deveriam lhes assegurar bons postos no mercado de trabalho. Da mesma forma, proporcionariam que se notabilizassem pela relação estreita com o mundo da escrita, pela respeitabilidade social, percebidos como homens cultos, letrados, inteligentes. Homens que estariam aptos e que muitas vezes se dedicavam à política, às letras, aos negócios, em síntese, que se projetavam nos espaços públicos, definindo e delimitando esses espaços como de ação masculina.

A escola terá como função na sociedade muito mais que fornecer instrução aos meninos que nela ingressarem. Também seria função desta escola submeter os jovens a uma disciplina rigorosa que lhes ensinasse valores, que os fizesse despertar para a observação e o respeito ao ordenamento social, ao trabalho produtivo, à obediência às autoridades constituídas, ao sentimento de pertencer a uma pátria.

138

Os literatos católicos, por exemplo, pregavam que para educar os rapazes com os rigores necessários era preciso que a disciplina, a vigilância e mesmo algumas ameaças de castigos futuros se fizessem presentes no processo educativo, para dobrar o ímpeto dos mais indisciplinados. Para eles, somente a instrução livresca não traria os resultados esperados, era preciso cuidar da formação moral, de inculcar valores, e nesse aspecto, nenhuma proposta seria, para os articulistas católicos, mais eficaz que a doutrina cristã.<sup>13</sup>

No entanto, o aprendizado da ordem, do respeito às autoridades era feito nas práticas cotidianas. Na exigência, na observação de horários, na cobrança de atividades escolares e mesmo em atividades que tinham como objetivo enaltecer e criar o respeito pelas autoridades constituídas na sociedade:

Ainda não faz um mês que os alunos do Colégio Diocesano, em formatura militar, fizeram continências de estilo ao Ex. Governador do Estado, prova de que recebem educação de paz e respeito [...] à pátria e a República.<sup>14</sup>

A preocupação com a disciplina, assim como com o exercício cotidiano de práticas que levassem os alunos a incorporar valores e condutas morais na sociedade, podem ser percebidos em alguns relatos, como os de Leônidas Melo, quando fala da sua vida como interno no Colégio 21 de Abril. Ao ser apresentado

ao aluno encarregado de manter a ordem e a disciplina na escola, e que intermediava qualquer reivindicação com a direção da escola, Leônidas teria ouvido o seguinte comentário desse colega:

Ele (o rapaz) é aluno mas também Prefeito aqui no instituto. É quem fiscaliza o comportamento dos alunos e recebe seus pedidos e reclamações. Para qualquer coisa que você queira, pode procurá-lo.

- O rapaz chamou-me, acrescentando à palavra um aceno de mão:

- Vamos, venha comigo.

Conduziu-me ao alojamento dos internos, uma série de quartos espaçosos, comunicando entre si por largas aberturas, em arco, nas paredes divisórias, cada quarto para cada quatro alunos. [...] O rapaz me explicou que durante o dia as redes teriam que ficar desarmadas e, enroladas e penduradas em um dos armadores. Somente à noite seriam usadas, e reforçou a explicação:

-Durante o dia não é permitido rede armada.<sup>15</sup>

Em outros trechos Leônidas trata dos horários de estudo, de recolhimento aos aposentos, e dos horários interditos de conversas entre os internos. Em síntese, os homens seriam alvos de um discurso disciplinador dos seus comportamentos. No entanto, o enfoque central não parece ser os deveres e funções familiares, nem mesmo a disciplina corporal no que diz respeito à vivência da sexualidade nos quadrantes da vida matrimonial. A preocupação com as práticas ordeiras, disciplinadas, produtivas dos homens se dirigem principalmente às atividades masculinas nos espaços públicos, no exercício da cidadania, na participação política como homens disciplinados, ordeiros, na vivência do mundo do trabalho como homem produtivo, honesto. Essas seriam facetas das práticas cotidianas masculinas que deveriam ser alcançadas com o processo de escolarização.

139

## NOTAS

<sup>1</sup> BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade*. São Paulo: EDUSP, 1999. p.107.

<sup>2</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p.57-70.

<sup>3</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Teresina: EDUFPI, 1998. p. 57-70.

<sup>4</sup> MELO, Leônidas. *Trechos do meu caminho*. Teresina: COMEPI, 1976. p.92-93.

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p.107.

<sup>6</sup> GONÇALVES, Luiz Mendes Ribeiro. *Depoimento concedido a Manuel Domingos Neto*.

Teresina, maio, 1984. p.32.

<sup>7</sup> CUNHA, Edson. Meu curso secundário. *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba.1957. p. 115-127.

<sup>8</sup> CASTELO BRANCO, Cristino. *Homens que iluminam*.Rio de Janeiro:Editora Aurora, 1946. p.53-72.

<sup>9</sup> BRITO, Bugyja. *Narativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha carioca, 1977. p.210.

<sup>10</sup> QUEIROZ, Teresinha. Jônatas Batista e a paixão pelo Teatro.In *Academia Piauiense de Letras: os fundadores*. Teresina: Meio Norte/APL, 1997. p.229-253.

<sup>11</sup> SALES, Antônio Vieira. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Geraldo Almeida Borges*. Teresina, 11 de maio de 1988.

<sup>12</sup> REGO, Moura Raimundo. *As mamoranas estão florindo*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p.116.

<sup>13</sup> Como deve ser a educação. *O Apóstolo*, Teresina, ano I, n. 31, p.1, 15 dez. 1907; Como deve ser a educação. *O Apóstolo*, Teresina, ano I, n. 32, p.1, 22 dez. 1907.

<sup>14</sup> BARRETO, Manoel D'Almeida. Pelo colégio Diocesano. *O Apóstolo*, Teresina, ano III, n.º.122, p.2.

<sup>15</sup> MELO, Leônidas.Op cit., p.115.

## Resumo

Este trabalho analisa depoimentos orais e narrativas de memórias, através dos quais alguns homens de letras, que viveram a juventude em Teresina, nas primeiras décadas do século XX, relatam suas trajetórias de vida marcadas pelo processo de escolarização, e pela busca de estreitar os laços com a cultura escrita e com as sociabilidades urbanas.

Palavras chave: Memórias, escola, cultura escrita.

## Abstract

This work analyzes verbal depositions and narratives of memory where some men of letters, that had lived youth in Teresina in the first decades of century XX, tell its trajectories of life, marked for the social learning process, and the search to narrow the bows to the written culture and the urban sociabilities.

Key words: Memories, school, written culture.